

MARIA JOSÉ DE OLIVEIRA SPINELLI

INTERDISCIPLINARIDADE, TEMA GERADOR E EDUCAÇÃO FÍSICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de graduação em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Orientadora: Dra. Rosie Marie Nascimento de Medeiros

NATAL-RN  
2016

MARIA JOSÉ DE OLIVEIRA SPINELLI

INTERDISCIPLINARIDADE, TEMA GERADOR E EDUCAÇÃO FÍSICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de graduação em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Orientadora: Dra. Rosie Marie Nascimento de Medeiros

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

---

Dra. Rosie Marie Nascimento de Medeiros  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

---

Ms. Patrick Ramon Stafin Coquerel  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

---

Dr<sup>a</sup>. Maria Isabel Brandão de Souza Mendes  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

## AGRADECIMENTOS

Sou imensamente agradecida à minha família, filhos e amigos que me incentivaram em mais uma jornada. Guardarei eterna gratidão aos meus professores do curso de educação física pela competência demonstrada e por todo o conhecimento que eles me repassaram, com tanta dedicação. Quero agradecer de forma especial a minha orientadora Rosie Marie por toda a paciência demonstrada e por ter me feito entender o sentido real da dança, por toda sua dedicação e competência eu lhe sou muito agradecida.

## RESUMO

Nesse trabalho procuramos conhecer um pouco mais sobre a interdisciplinaridade, a importância do tema gerador para elaboração de um currículo comprometido com a aprendizagem significativa, a opinião de alguns professores da rede pública estadual, e como a disciplina de Educação Física pode contribuir com o desenvolvimento do tema gerador na prática escolar sob a égide da interdisciplinaridade, além disso, nos propomos a discutir como o tema gerador pode integrar os saberes com vistas à construção de novos conhecimentos, tendo a Educação física como elemento vivo na produção de projetos interdisciplinares. Foram abordados os pensamentos dos teóricos que deram suas contribuições para o fazer pedagógico, as linhas pedagógicas que influenciaram a educação, nos últimos anos, e uma breve análise das consequências resultantes das escolhas de determinada tendência para a educação. Faz-se uma discussão sobre a contribuição que a disciplina de Educação Física pode oferecer, quanto aos temas geradores em uma prática interdisciplinar. Por meio das práticas da educação física, um tema gerador toma corpo, dessa forma, incutirá na mente dos educandos uma assimilação dos conteúdos de forma mais veloz e duradoura. Portanto, trabalhar de forma excludente ou inclusiva é uma escolha sociopolítica que definirá qual o indivíduo que estamos formando nas dependências escolares. Por isso torna-se necessário que os professores tenham clareza de suas atitudes frente a um projeto pedagógico e sua aplicabilidade no contexto escolar.

Palavras-chave: Educação; Tema gerador; Interdisciplinaridade.

## ABSTRACT

In this work we try to know a little more about interdisciplinarity, the importance of the theme generator for the preparation of a compromised curriculum with meaningful learning, the opinion of some teachers of public schools, and how the discipline of physical education can contribute to the development of the generative theme in school practice under the aegis of interdisciplinarity furthermore, we propose to discuss how the generator issue can integrate knowledge in order to build new knowledge, and physical education as a living element in the production of interdisciplinary projects. the thoughts of theorists were approached who gave their contributions to the pedagogical, educational lines that influenced education in recent years, and a brief analysis of the consequences of the given trend choices for education. It should be a discussion of the contribution that Physical Education can offer, as the generative themes in an interdisciplinary practice. Through the practice of physical education, a generator theme takes shape, thus instilled in the minds of student assimilation of content faster and more lastingly. So work exclusionary or inclusive way is a socio-political choice that will define what the individual that are forming in the school grounds. Therefore, it is necessary that teachers have clarity of their attitudes to an educational project and its applicability in the school context.

Keywords: Education; Theme generator; Interdisciplinarity.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
1. Capítulo I - Pensadores contrários ao ensino fragmentado, e as teorias que influenciaram a formação dos currículos nas escolas brasileiras.....	13
1.1. Contribuição dos pensadores para o ensino interdisciplinar.....	14
1.2. As teorias da educação e a sua influência sobre a grade curricular.....	18
2. Capítulo II – O conhecimento dos professores acerca do ensino interdisciplinar.....	21
2.1. Por dentro da Interdisciplinaridade.....	22
2.2. A Educação Física e o tema gerador.....	27
2.3. A Interdisciplinaridade e os professores.....	33
3. Capítulo III – E para finalizar.....	38
3.1. Conclusão.....	39
Referências.....	44
Anexos.....	48

## INTRODUÇÃO

A democracia no Brasil é um fato recente, em especial na educação. As discussões sobre as ações empreendidas para melhorar os problemas relacionados ao assunto acontecem há pouco tempo nos âmbitos político e social. A escola brasileira esteve por 210 anos sob o monopólio jesuítico, numa forma clara de descaso do Estado português para com a educação brasileira. Com a expulsão dos padres da Companhia de Jesus, em 1759, teve início a uma reforma liderada pelo sacerdote oratoriano Luiz Antônio Verney. (MENDONÇA, 2000, p. 56).

Assim tivemos uma desestruturação do ensino, e só depois de passados 13 anos, as primeiras providências começaram a ser tomadas no sentido de substituir o sistema jesuítico de ensino, tendo sido incorporado a diversificação de disciplinas isoladas, da transição e da graduação de níveis escolares. E pela primeira vez o Estado assumiu os encargos pela educação, e essa reforma não impediu que pessoas leigas fossem admitidas como educadoras. (Idem, p. 56)

A educação passou a ser responsabilidade do Estado, no Brasil, com mais de um século de atraso, tomando-se como referência os países que se influenciaram pelo ideário liberal, trazido pelo movimento renovador da educação, que teve seu auge no ano de 1930 com o “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”, elaborado por Fernando de Azevedo e assinado por 26 educadores do Brasil e tinha como objetivo a rejeição do clericalismo no ensino, “(...) pela institucionalização e expansão da escola pública, pela igualdade dos sexos no direito à escolarização e pela obrigatoriedade do Estado assumir a oferta universal e gratuita de ensino, esses educadores tiveram na Associação Brasileira de Educação e nas Conferências Nacionais de Educação seu campo de organização” (MENDONÇA, 2000, p.56).

Para a elite brasileira da época, a expansão e a garantia pelo Estado do ensino público e gratuito não tinha sentido, no entanto, com a ascensão da classe média, aumenta a demanda pelo ensino médio, ao mesmo tempo em que as camadas populares lutavam pelo acesso ao ensino primário, e dessa forma, tem início a uma campanha reivindicatória pela concretização do direito de todos à educação pública e gratuita. Assim, os instrumentos legais reguladores da educação incorporaram progressivamente o direito de acesso ao ensino público, conforme Mendonça (2000):

A Constituição de 1964 fixou a obrigatoriedade do ensino primário de quatro anos e a sua gratuidade nos estabelecimentos oficiais. A Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1961, esclareceu que essa obrigatoriedade deveria se dar a partir dos sete anos de idade. A Constituição de 1969 estabeleceu que o ensino primário fosse obrigatório para todos, dos sete aos quatorze anos, sendo gratuito nos estabelecimentos oficiais. A Lei nº 5.692/71, que reformou a LDB de 1961, entendeu ser o ensino primário, referido na constituição, correspondente ao ensino de primeiro grau, dobrando, portanto, o tempo de obrigatoriedade e de gratuidade de estudos para oito anos. (MENDONÇA, 2000, p. 56/57).

Decorrido todo esse processo dentro da educação, o Brasil tem, por fim, a Constituição de 1988, que se refere à educação como um direito de todos e dever do Estado e da família. O dever do Estado com a educação deve garantir o ensino fundamental obrigatório e gratuito, inclusive para os que não tiveram acesso à educação na idade adequada, pela progressiva extensão de obrigatoriedade e gratuidade do ensino médio. Além disso, a Carta Magna afirmar *“que o acesso ao ensino obrigatório e gratuito é direito público e que a falta ou irregularidade desse serviço pelo Poder público é da total responsabilidade da autoridade competente”*. (MENDONÇA, 2000 p. 57)

Como é do conhecimento de todos, no Brasil o Governo não foi capaz de oferecer um ensino de qualidade, e a escola pública vem passando por um processo de degradação ao longo dos anos, por não receber recursos financeiros adequados à manutenção da rede física e para a formação, capacitação e melhor remuneração dos professores, e com isso, os educadores brasileiros passaram a defender uma educação pública com mais qualidade. (Idem, p. 62).

O sistema de ensino brasileiro possui deficiências graves que refletem na formação dos estudantes e na formação dos professores, os cursos de licenciatura e de pedagogia, formam professores distante das crescentes mudanças mundiais, o uso das tecnologias da informação, a prática pedagógica ainda é dissociada da teoria, e tudo isso concorre para o aumento da evasão escolar. Por ser a educação uma prática social, e por não ser neutra, carrega consigo a lógica do funcionamento do sistema capitalista, necessitando, urgentemente, modificar essa lógica, alterando a estrutura de poder dentro das escolas e dos sistemas de ensino.



Com um mercado de trabalho cada vez mais exigente, a educação tem o papel de garantir o conhecimento e as capacidades necessárias para o convívio social, o que requer maior empenho para que tenhamos uma educação de qualidade. A educação é a ferramenta mais importante para garantir a inserção do sujeito na sociedade, com isso o sistema educacional se torna cada vez mais complexo e diversificado, forçando toda a sociedade a assumir uma postura mais consciente e participativa, de forma direta ou indireta, na elaboração dos objetivos da educação para não correr o risco de se ter investimento infrutíferos ou nulos no campo educacional.

A educação escolar no Brasil é amparada por um grande número de leis e normatizações oriundas da área federal, estadual e municipal. Os cuidados com a educação devem ser refinados, conforme Cury: “E, sendo a educação escolar um serviço público e de finalidade universal, é no ensino público que a oferta de ensino deve ser cuidadosamente gerida a fim de que a igualdade perante a lei, a igualdade de condições e de oportunidades tenham vigência para todos, sem distinção” (CURY, 2000, p. 45).

A legislação educacional brasileira tem se modificado nos últimos anos. Há abertura para que se possa construir uma nova cultura de participação cidadã dentro da educação, romper com os modelos que trabalham com métodos que favorecem a exclusão e preparar o terreno para a participação das comunidades nas escolas. Ainda citando Cury (2000) quando afirma que a educação se tornou imprescindível, a ponto de até mesmo os grupos sociais que antes a receavam e tentavam impedir a sua disseminação, atualmente reconhecem a sua importância e sua necessidade para a população.

Diante disso, qual a educação ideal? A quais metodologias devemos recorrer? O papel desempenhado pelo professor é fundamental para o avanço construtivo do aluno, só o professor pode ser capaz de captar as necessidades apresentadas pelos alunos. Implementar um sistema que atenda as constantes mudanças do mundo atual passa por um fazer pedagógico integrativo e subsidiado pelos conhecimentos sociais, culturais e políticos da sociedade. O professor pode sanar as falhas geradas pelo sistema educacional compartimentalizado. O trabalho orquestrado dos profissionais da educação requer aprendizagem e a busca constante de um equilíbrio entre os atores envolvidos.

Desenvolver um trabalho integrado dos conteúdos é a proposta apresentada pelos PCN's como meio de contribuir com o aprendizado do aluno. O trabalho de reconstrução da educação tem por obrigação procurar envolver todos os setores que, de alguma forma, tenham qualquer relação com a construção da cidadania, do

desenvolvimento social do indivíduo, e com o fazer político voltado para o desenvolvimento da educação. Para Fazenda (2008):

Alguns equívocos teóricos permanecem, embora parcialmente clarificados pela evolução de certas teorias totalizantes, entre elas por exemplo: uma dialética que se fundamenta no concreto, uma fenomenologia que avança para o espírito, e uma psicologia que busca a transcendência. Na medida em que essas proposições teóricas avançam, mais explícitas vão se tornando as hipóteses teóricas da interdisciplinaridade. (FAZENDA, 2008, P. 17).

A interdisciplinaridade está registrada na reforma curricular do Ensino Médio. Questões interdisciplinares têm sido tema de discussão entre os pensadores da educação desde a década de setenta, durante a elaboração da versão da Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 5.692/71, vindo em seguida a nova LDB Nº 9.394/96 e os Parâmetros Curriculares Nacionais, ganhando novos impulsos e sua presença no cenário educacional brasileiro tem se tornado mais presente.

Apesar de a interdisciplinaridade está sendo muito debatida entre os educadores, é pouco praticada, dessa forma, implementar a interação entre distintas disciplinas possibilita a formulação de um pensamento crítico-reflexivo aos educandos, e evita a fragmentação dos saberes. O objetivo de um ensino interdisciplinar é proporcionar um diálogo entre as disciplinas, conectando-as para uma melhor compreensão da realidade, diante disso, como os professores podem contribuir para elaboração de projetos interdisciplinares? Qual o conhecimento sobre interdisciplinaridade que os nossos professores têm? Na escola pública, há professores que trabalham com conteúdos interdisciplinares?

Este trabalho se propõe a discutir o conhecimento dos educadores acerca de projetos interdisciplinares. Além disso, esse trabalho objetiva discutir como um tema gerador pode integrar os saberes e constituir novos saberes, e como a disciplina de Educação Física pode atuar no sentido de dinamizar a ação de projetos interdisciplinares. Este trabalho de pesquisa está baseado na observação direta do cotidiano da escola, nas teorias educacionais e nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) que propõem contrapor a fragmentação e a linearidade do currículo à interdisciplinaridade.

Por acreditar que o ensino de qualidade obrigatoriamente passa por um planejamento que traga em seu seio questões sociais e políticas, defendemos a interdisciplinaridade como base para a construção de um currículo voltado para a formação integral do indivíduo. Fazenda (2005) afirma:

“(…) que os currículos organizados pelas disciplinas tradicionais conduzem o aluno apenas a um acúmulo de informações que de pouco ou nada valerão na sua vida profissional, principalmente porque o desenvolvimento tecnológico atual é de ordem tão variada que fica impossível processar-se com a velocidade adequada a esperada *sistematização* que a escola requer”. (FAZENDA, 2005, p. 16).

Um projeto interdisciplinar de ensino exige um pensar interdisciplinar, e pensar interdisciplinar requer o diálogo com outras formas de conhecimentos e com o conhecimento científico, e, dessa forma, “tende a uma dimensão utópica e libertadora, pois permite enriquecer nossa relação com o outro e com o mundo” (FAZENDA, 2005, p. 17). Apenas assim, a educação poderá dá um salto de qualidade, enriquecerá o trabalho dos professores que se habilitarem a pesquisar para conhecer mais, e corresponderá aos anseios dos educandos que verão as questões que são inerentes a vida do indivíduo sendo discutida e avaliada no contexto escolar, e, conseqüentemente, oferecendo elementos para que o aluno seja capaz de intervir em sua realidade.

Optamos por fazer uma pesquisa sob o viés da metodologia descritiva por apresentar meios de abordagens através da observação e da obtenção de declarações por meio de questionário. Silverman (2012) descreve a pesquisa descritiva como “Um tipo de pesquisa que tenta descrever o *status* do foco do estudo. Técnicas comuns são questionários, entrevistas, *surveys* normativos, estudo de casos, análise de emprego, pesquisa observacional, estudos desenvolvimentais e estudos correlacionais”. (SILVERMAN et al, 2012, p. 39).

Esse trabalho está consubstanciado por pesquisas feitas em estudos sobre a interdisciplinaridade, os conceitos interdisciplinares e de contextualização, a importância de trazer para as salas de aula o trabalho sistematizado com um tema gerador como possível elemento facilitador da aprendizagem significativa, e por entrevistas feitas com alguns professores de uma escola pública do ensino médio na cidade de Natal/RN. Participaram da entrevista 16 professores. Dentre eles apenas 9 responderam ao questionário, 7 disseram que depois responderiam e não o fizeram, entre os 9 professores foram selecionadas as respostas de quatro deles e eliminadas

todas as outras por serem semelhantes. O questionário apresentado aos professores continha três perguntas sobre o conhecimento que os educadores tinham acerca da metodologia interdisciplinar, se já tinham participado de alguma prática interdisciplinar e se algum deles teria a pretensão de elaborar algum projeto por meio de conteúdos interdisciplinares

Esse trabalho está se inicia por essa introdução, em seguida vem o primeiro capítulo onde é feito uma abordagem acerca de alguns teóricos que deram sua contribuição para a educação, e as tendências metodológicas que influenciaram o processo educacional no Brasil. A interdisciplinaridade é abordada no segundo capítulo, nesse apresentamos o que fala a LDB, alguns estudiosos que se debruçaram para entender o sistema interdisciplinar e o papel dos educadores em relação a interdisciplinaridade. Nesse mesmo capítulo são apresentadas algumas propostas de desenvolvimento de ensino interdisciplinar e de trabalho coletivo entre os professores. E por fim, concluímos o trabalho com um chamamento para a importância em conhecer e praticar projetos interdisciplinares.

## CAPÍTULO I

Pensadores contrários ao ensino fragmentado, e as teorias que influenciaram a formação dos currículos nas escolas brasileiras

## 1.1 Contribuição dos Pensadores para o ensino interdisciplinar

Criar, interagir, e desenvolver-se, são atos que permeiam a vida dos seres humanos durante toda a sua permanência no planeta Terra. Neste século XXI, no qual estamos vivendo, os fatores criação, interação e desenvolvimento tornam-se não só uma opção de escolha, mas de sobrevivência. A intensa velocidade em que as informações nos chegam, exige o desenvolvimento das nossas habilidades. “Desenvolver habilidades, apropriar-se de tecnologias, aperfeiçoar processos e manter-se atualizado passaram a ser condições essenciais para crescer” (CAMPOS, 2007, p. 11). As propostas educacionais devem ser planejadas de forma que desenvolvam mecanismos que possibilitem a aprendizagem. E onde podemos buscar material para construir o nosso fazer pedagógico? Certamente que nas pessoas que se debruçaram para buscar respostas para suas inquietações acerca da educação. E o nosso papel, destarte, é ir em busca dos conhecimentos que nos foram herdados e construir nossa ideologia própria, levando em consideração o contexto social no qual estamos inseridos.

E para iniciar a nossa construção, vejamos o que Durkheim nos fala sobre educação. Esse grande pensador percebia a educação fundamental dentro de um processo de socialização, tendo início com o nascimento da criança, seguindo com sua preparação para a maioridade, dentro da sociedade. Palmer (2006), mencionando Durkheim, afirma que:

Uma pessoa tornava-se humana por viver em sociedade. Cada sociedade precisa de certo grau de homogeneidade para operar. A tarefa da educação é dar o que a vida coletiva requer e tornar o indivíduo verdadeiramente humano. Pode-se argumentar que a socialização é um processo sem fim. Mas para Durkheim, e a maioria dos profissionais, educação significava focalizar o período em que a criança era educada na escola e talvez na universidade. (DURKHEIM apud PALMER, 2006).

Palmer continua dizendo que, para Durkheim, não cabia à educação a tarefa de mudar a sociedade e que os jovens não deveriam ser ensinados para desenvolver essa tarefa, afirma ainda que Durkheim:

Sustentava que cada criança deveria ser considerada uma individualidade que, como resultado da educação, deveria atingir sua autonomia dentro da sociedade. Aqui reside a ideologia básica de humanismo liberal. Afirmava que a verdadeira função da educação era em primeiro lugar pôr para fora e desenvolver aquelas sementes de humanidade que todos temos. Enfatizava que a educação era o encontro do indivíduo com o social. Por isso a necessidade da sociologia para quem se dedicava a ensinar. (DURKHEIM apud PALMER, 2006).

Temos, então, aqui, a primeira indicação do que seja necessário para assumirmos o posto de educador, dentro da visão da sociologia. Vamos ver o que Vygotsky nos indica. Palmer (2006) assinala que as teorias de Vygotsky se baseiam “em uma síntese interdisciplinar e atraem o interesse de cientistas de inúmeras áreas”. Além disso, Vygotsky fez uma análise das origens sociais dos processos mentais, o que aumentou sua popularidade entre os cientistas sociais. Na análise de Palmer:

Na visão de Vygotsky, o funcionamento mental do indivíduo só pode ser entendido se se examinar os processos sociais e culturais do contexto em que está inserido. Em vez de começar com a suposição de que o funcionamento mental ocorre primeira e principalmente dentro do indivíduo, Vygotsky admite que os processos mentais podem também ocorrer entre as pessoas no plano intermental. Vygotsky via o funcionamento mental como um tipo de ação que pode ser levada por indivíduos ou por díades ou grupos maiores. Nessa visão, mente, cognição e memória são entendidas como "extensões para além da pele" como funções que podem ser desempenhadas tanto intermentalmente quanto intramentalmente. Vygotsky referia-se à sua teoria como cultural-histórica, enfatizando que os fatores que determinavam a atividade de vida do indivíduo eram produzidos pelo desenvolvimento histórico da cultura. (VYGOTSKY apud PALMER, 2006).

Dessa inquietação de Vygotsky surgiram dois importantes conceitos, o conceito de “Zona Proximal de Desenvolvimento” e “discurso interior”. Esses dois conceitos foram muito importantes para o desenvolvimento da psicologia contemporânea no Ocidente, aproximando a psicologia com a educação. Continuando com Palmer (2006):

Vygotsky definia ZPD como a distância entre "o verdadeiro nível de desenvolvimento determinado pela solução de um problema

independente e o nível do potencial de desenvolvimento determinado através da solução de problema sob a orientação do adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. Portanto, ZPD é uma ferramenta analítica necessária para planejar a instrução, e uma instrução bem-sucedida tem de criar uma ZPD que estimule uma série de processos de desenvolvimento interior. (VYGOTSKY apud PALMER, 2006).

Em Piaget também encontramos a ênfase nos valores sociais, acrescido dos valores intelectuais e morais que devem ser incutidos pelo educador ao aluno. Cabe os educadores clamarem por valores e ser investigativos em seu trabalho, pois, para Piaget (apud Palmer):

Valores são normas que funcionam como guias para identificar o que é obrigatório, permitido ou proibido. A educação é uma relação normativa entre um indivíduo e valores. Nessa acepção, educação cobre todos os tipos de valores e, por conseguinte a definição de Piaget não atribui um status privilegiado de um tipo sobre o outro. Mais que isso, essa decisão é deixada para educadores que enfrentam um problema comum. Significa que valores intelectuais durante a escolaridade estão no mesmo barco que os valores morais durante a vida. Professores de uma geração usam seus valores (intelectuais, morais) na educação dos alunos da geração seguinte. Portanto, enfrentam um problema fundamental. Ensinar e aprender são ações que embutem propriedades normativas - não meramente causais. Isso significa que a educação é uma troca carregada de valores, e seu sucesso depende tanto da transmissão quanto da transformação. (PIAGET apud PALMER, 2006).

Para Piaget, a educação é uma relação de duas mãos, na qual, de um lado há um indivíduo em crescimento e no outro estão os valores sociais, intelectuais e morais que o educador tem por incumbência de incutir nesse indivíduo.

A educação recebe contribuições da sociologia reflexiva com Bourdieu, nessa teoria, os elementos da sociedade ocupam espaço junto com a assimilação pelo indivíduo de normas e princípios formando sua consciência individual. Assim, suas reflexões se localizam no espaço sociológico, com foco na relação de conhecimento e a posição social dos indivíduos, segundo Bourdieu apud Palmer (2006).



Com Foucault o sistema escolar é visto como um local de vigilância e adestramento do corpo e da mente. Em seus estudos, o filósofo mostrou que a escola moderna produz e reproduz um determinado tipo de sociedade. Foucault enxergava a escola com uma “instituição de sequestro”, semelhante ao hospital, ao quartel e à prisão. Essas instituições se modificam com o advento da Idade Moderna, deixando de ser um lugar de sofrimento para se tornar um lugar de criação de “corpos dóceis” (Revista Escola):

A docilização do corpo tem uma vantagem social e política sobre o suplício, porque este enfraquece ou destrói os recursos vitais. Já a docilização torna os corpos produtivos. A invenção-síntese desse processo, segundo Foucault, é o panóptico, idealizado pelo filósofo inglês Jeremy Bentham (1748-1832): uma construção de vários compartimentos em forma circular, com uma torre de vigilância no centro. Embora não tenha sido concretizado imediatamente, o panóptico inspirou o projeto arquitetônico de inúmeras prisões, fábricas, asilos e escolas. Uma das muitas "vantagens" apresentadas pelo aparelho para o funcionamento da disciplina é que as pessoas distribuídas no círculo não têm como ver se há alguém ou não na torre. Por isso, internalizam a disciplina. Ampliada a situação para o âmbito social, a disciplina se exerce por meio de redes invisíveis e acaba ganhando aparência de naturalidade. (REVISTA ESCOLA ABRIL. Acesso 18/05/2016).

Temos, então, a teoria que mostra como se produz alunos “dóceis” ou disciplinados. Para Foucault a disciplina é um instrumento coercitivo de dominação e controle, usado para domesticar os comportamentos divergentes.

O conceito de educação como ato político nos chega através do pensamento de Paulo Freire. Um dos mais importantes e influentes escritores da teoria e prática da educação, Paulo Freire (1987) defende um processo que envolvam as relações sociais e, portanto, escolhas políticas. Dessa forma, não tem como o educador assumir uma postura de neutralidade, sendo necessário levar em consideração que todas as políticas e práticas educacionais têm implicações sociais que podem ser de exclusão ou injustiça, ou de apoio às transformações sociais, segundo Paulo Freire (1987).

O professor, em suas atividades de sala de aula, é autor de transformações sociais excludentes ou inclusivas, de acordo com a ideologia adotada. Através da educação, o indivíduo fica mais bem preparado para entender o mundo e para

transformá-lo. Freire afirma que as técnicas educacionais apenas não criam escolas ou sociedade novas, e para isso, defende um processo baseado no diálogo crítico e na troca de conhecimentos, para ele, tanto alunos quanto professores são seres inacabados, portanto, têm muito que aprender uns com os outros. Concordamos com Nóbrega (2005, p. 73) ao afirmar que:

Educar é pôr o sujeito em relação com o mundo e com a representação simbólica desta, ou seja, com a produção do conhecimento, não havendo a separação entre o sujeito e o objeto de conhecimento. Essa atitude garante que o educando se aproprie de maneira ativa, reconhecendo os condicionantes históricos e vislumbrando a possibilidade de uma nova síntese, de uma nova realidade, reafirmando, dessa forma, que como produtor da cultura o homem cria e recria o mundo. (Nóbrega, 2005, p. 73).

Dessa forma, a relação entre educadores e educandos deve coexistir numa constante troca de saberes, evitar propostas que direcionem para uma via restrita, com direção única e limitada, fugindo da “patologia do saber” (Anastasiou, 2001). Torna-se de vital importância que as questões sociais e os problemas do cotidiano façam parte do ensino em sala de aula.

## 1.2. As teorias da educação e a sua influência sobre a grade curricular

Outra grande influência do fazer pedagógico passa pelas correntes teóricas da educação. Atuam como elementos norteadores para o educador e trazem em sua essência, condicionamentos sociopolíticos que agem diretamente na prática educativa. Podem ser agrupadas em dois grupos denominados de Liberais e Progressistas. A corrente Liberal teve seu apogeu nos anos 50, no Brasil, tendo um papel ora conservador, ora renovador. Essa tendência buscava preparar aptidões do indivíduo para desempenhar um papel dentro da sociedade, para isso, cada indivíduo precisava aprender e se adaptar aos valores e às normas vigentes da sociedade. Pregava a igualdade de oportunidades sem levar em conta a desigualdade de condições. (Saviani, 2005).

A linha Progressista parte da análise crítica das realidades sociais, por isso, sua sustentação dentro do sistema capitalista tornou-se inviável, vindo a se tornar um instrumento de luta dos professores que defendem as finalidades sociopolíticas da educação. Desses dois grupos teóricos, nasceram as tendências Pedagógicas. (Idem).

A Tendência Idealista-Liberal prega a pedagogia tradicional de ensino, nessa, o papel da escola se resume ao preparo intelectual.

Dentro da Tendência Idealista-Liberal temos a Linha Renovada conhecida como “Movimento Escolanovismo ou Escola Nova”, teve sua origem na Europa e Estados Unidos no final do século XIX chegando ao Brasil nos anos 30. Ainda dentro dessa tendência surge a Pedagogia Tecnicista influenciada pela crescente industrialização, e como reforço à Linha renovada, que não correspondeu às expectativas referentes ao preparo de profissionais. (Saviani, 2005).

Dentro da Tendência Realista-Progressista encontramos a Pedagogia Libertadora. A Pedagogia Libertadora parte da análise crítica das realidades sociais, defendendo as finalidades sociopolíticas da educação. Outra linha, chamada de Pedagogia Libertária, busca a independência teórico-metodológicas do ensino, enfatiza as experiências de autogestão e a autonomia. Por fim temos a Pedagogia Histórica-Crítica surgida nos anos 70, e que se contrapõe à escola reprodutora do sistema e das desigualdades sociais. Sua ênfase se dá nas relações interpessoais e ao crescimento que delas resulta, tem como centro de atenção o desenvolvimento da personalidade do indivíduo, os processos de construção e organização pessoal da realidade, e na capacidade de cada um deles poder atuar como uma pessoa integrada. (Idem).

Pode-se perceber que as duas linhas teóricas têm como escopo o fazer pedagógico reprodutor dos fatos sociais de determinado tempo histórico. Dessa forma reforça-se o pensamento de Paulo Freire quando diz nenhum fazer educacional é apolítico. Em Libâneo (1994) encontramos a seguinte premissa:

A educação corresponde, pois, a toda modalidade de influências e inter-relações que convergem para a formação de traços de personalidade social e do caráter, implicando uma concepção de mundo, ideais, valores, modos de agir, que se traduzem em convicções ideológicas, morais, políticas, princípios de ação frente a situações reais e desafios da vida prática. Nesse sentido, educação é *instituição social* que se ordena no sistema educacional de um país, num determinado momento histórico, é um *produto*, significando o

resultado obtido da ação educativa conforme propósitos sociais e políticos pretendidos; é *processo* por consistir de transformações sucessivas tanto no sentido histórico quanto no de desenvolvimento da personalidade. (LIBÂNEO, 1994, p. 22/23).

Como podemos perceber, os embates ideológicos da educação ocorrem entre liberais e socialistas, cada qual defendendo o seu ponto de vista e ambos buscando uma sociedade melhor para todos. Cabe ao educador escolher a linha que melhor corresponda aos seus objetivos, o importante é romper com a educação fragmentada, e ter em foco um aprendizado que possibilite a formação integral do indivíduo.

Por isso, os educadores devem estar constantemente atualizados, envolvidos com pesquisas, ter conhecimento sobre o que se discute acerca da educação nos tempos atuais, conhecer o meio social dos alunos e no qual a escola se insere, dialogar com professores de todas as disciplinas, obter informações com os gestores da escola, planejar junto com alunos e discutir o currículo com os pais dos educandos, se preciso, formular sua própria concepção de ensino e partilhar para que todos conheçam.

A interdisciplinaridade surgiu dos anseios de professores progressistas que viam nos currículos escolares, um processo desqualificatório do aluno por não possibilitar sua participação nos processos educacionais dos quais participavam. Santomé (1998) nos esclarece ao afirmar:

Esse processo de “despersonalização” e de preparação da juventude para incorporar-se e assumir as regras do jogo de um modelo de sociedade, de produção e relações de trabalho no qual se pretende que a maioria das pessoas não possa intervir e decidir, é contestado não só pelos movimentos sindicais e partidos políticos progressistas, mas também pela própria classe docente e estudantil. (Santomé, 1998 p. 14).

Dessa forma, a escolas que adotam um currículo que impeçam seus estudantes de intervir e decidir na sua formulação torna-se pouco confiável por ser contrária ao objetivo maior da educação que é formar cidadãos críticos, capazes de julgar e intervir de forma responsável em suas comunidades.

## CAPÍTULO II

O conhecimento dos professores acerca do ensino interdisciplinar.

## 2.1 Por dentro da Interdisciplinaridade

A interdisciplinaridade é uma orientação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) para o ensino médio, por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS) e tem por objetivo tornar a sala de aula um espaço dinâmico. Segundo a orientação do Ministério da Educação (MEC) pretende-se com a interdisciplinaridade utilizar os conhecimentos de várias disciplinas para a compreensão e resolução de problemas e para entender um fenômeno sob vários pontos de vista, e assim, promover interconexões entre os conhecimentos de complementaridade, convergência ou divergência (MEC, 1997).

A interdisciplinaridade, sempre dentro de uma visão de compartilhamento de saberes, de ajuda mútua, de companheirismo e avanço conjunto, constitui-se uma ferramenta que pode vir a amenizar as mazelas educacionais. Procurar desenvolver a educação dentro de uma visão interdisciplinar com vista a contribuir com a implementação de políticas de melhoria da educação, a melhorar os indicadores educacionais e possibilitar um trabalho partilhado entre professores, gestores, equipe pedagógica e funcionários das instituições de ensino mostra ser uma alternativa adequada para corresponder com as exigências atuais da educação.

Trabalhar a interdisciplinaridade na educação básica favorece o intercâmbio de saberes, contribui com a evolução profissional, porque gera uma corresponsabilidade dos envolvidos, e conseqüentemente, contribui para que o fazer pedagógico deixe de ser um fardo pesado, passando a ser uma atividade compartilhada e prazerosa. Trabalhar as questões educacionais de forma interdisciplinar também requer maturidade e compromisso. “Aprende-se com a interdisciplinaridade que um fato ou solução nunca é isolado, mas sim consequência da relação entre muitos outros” (Ferreira, apud Fazenda, 2005, p. 35). Aprende-se também que o conhecimento interdisciplinar não é restrito à sala de aula, ele ultrapassa os limites da escola “e se fortalece na medida em que ganha a amplitude da vida social” (Barbosa apud Fazenda, 2005, p. 65).

Afinal, trabalhar de forma interdisciplinar é uma ação pedagógica de planejamento, de criação e incentivadora de uma prática competente e comprometida com o aluno, por ser ele o centro do processo de aprendizagem, por isso, não se deve ignorar o contexto em que o aluno vive. Os conhecimentos tradicionalmente sistematizados apresentam uma visão de mundo fragmentada, que não se adequam ao

novo sujeito da era tecnológica, assim, programar um currículo interdisciplinar surge como alternativa a uma ação unificadora do conhecimento, gerando a oportunidade de se educar as novas gerações numa outra perspectiva.

O período de doze anos que o aluno passa frequentando a escola (nove no ensino fundamental e três no ensino médio) é tempo suficiente para se obter formação que desenvolvam competências para ler, escrever, falar e raciocinar numericamente. O raciocínio matemático, associado com as reflexões textuais são as principais dificuldades encontradas pelos alunos para o seu desenvolvimento escolar, voltar a nossa atenção para o que está sendo ministrado nessas aulas e como isso acontece, pode ser um caminho para, pelo menos, detectar as causas da insuficiência escolar, e uma tentativa de se elevar o percentual de desempenho educacional brasileiro, conduzindo a atuação educadora de forma ética. O educador desenvolve o seu trabalho repassando os valores que existe em seu contexto social. Adotar uma postura através do trabalho interdisciplinar possibilita oferecer aos alunos uma visão global do conhecimento. Libâneo (1994), afirma que “O processo de ensino é uma atividade conjunta de professore e alunos, com a finalidade de prover as condições e meios pelos quais os alunos assimilam ativamente conhecimentos, habilidades, atitudes e convicções”. (LIBÂNEO, 1994, p. 29). Para isso, é importante que o direcionamento do processo e ensino ocorra por meio de princípios e diretrizes, passando por métodos, procedimentos e de formas organizativas diversificadas.

Implica, portanto, o processo de ensino, em ações interdisciplinares em busca de um interesse comum. Carlos (2007), falando sobre ações que envolvem a interdisciplinaridade, afirma que: “Dessa forma, a interdisciplinaridade só será eficaz se for uma maneira eficiente de se atingir metas educacionais previamente estabelecidas e compartilhadas pelos membros da unidade escolar”. (CALOS, 2007. P. 165). Portanto, é necessário assumir uma nova postura frente ao conhecimento no sentido de operar uma mudança de atitude para que se possa atingir a plenitude do ser como pessoa integral, e assim, garantir a construção de um conhecimento globalizante, rompendo com os limites das disciplinas”. Esse é o sentido de se trabalhar em um contexto baseado na interdisciplinaridade.

As diretrizes que regem a educação brasileira expressam um sentimento de valorização da vida e da promoção humana, numa postura em que a educação amplia os limites e perspectivas de formação social e cultural, adequada ao novo propósito educacional que ainda está em construção. Entre as especificidades abordadas nas

Diretrizes Curriculares do Ensino Médio (Resolução CEB nº 3º, de 26 de junho de 1998), há uma clara menção à Estética da Sensibilidade. Nesta, sugere-se a substituição da:

“(…) repetição e padronização, estimulando a criatividade, o espírito inventivo, a curiosidade pelo inusitado, e a afetividade, bem como facilitar a constituição de identidades capazes de suportar a inquietação, conviver com o incerto e o imprevisível, acolher e conviver com a diversidade, valorizar a qualidade, a delicadeza, a sutileza, as formas lúdicas e alegóricas de conhecer o mundo e fazer do lazer, da sexualidade e da imaginação um exercício de liberdade responsável”. (PCNs, Brasil, 1997, p. 21).

Neste caso, a disciplina de Educação Física se encaixa perfeitamente bem para atender tais parâmetros. Buscar a interdisciplinaridade, por meio de práticas corporais pode ser a chave do enigma para o desenvolvimento interdisciplinar nas escolas de ensino básico. Por meio de formas lúdicas e alegóricas, podemos apresentar meios de se conhecer o mundo, Anastasiou (2001) propõe:

O papel do professor será, então, de desafiar, estimular, ajudar os alunos na construção de uma relação com o objeto de aprendizagem que, em algum nível, atenda a uma necessidade dos mesmos, auxiliando-os a tomar consciência das necessidades socialmente existentes numa formação universitária. Isso somente será possível num clima favorável à interação, tendo como temperos a abertura, o questionamento e a divergência, adequados aos processos de pensamento crítico e construtivo: *um clima do compartilhar*. (Anastasiou, 2011, p. 20).

Pensar uma ideia de uma Estética da Sensibilidade no ensino se contrapõe ao imobilismo. O professor deverá assumir uma atitude de pesquisador, como afirma Montessori, “ensinar é aprender, porque ensinar é sobretudo pesquisar, e por isso é também construir, é aprender” (MONTESSORI APUD FAZENDA, 2008, p. 40). Por vivermos em uma sociedade diversificada e complexa, no mundo das ideias não pode haver barreiras para se buscar o conhecimento, professores das diversas especialidades podem trabalhar juntos para garantir o desenvolvimento intelectual do aluno. Para isso, não podemos nos excluir de buscar, em outras disciplinas, o que faltar para desenvolver um trabalho interdisciplinar. Siqueira defende que “ Cada uma das disciplinas pode receber das outras as suas técnicas, ou seus conceitos, as suas leis, os seus dados, modelos, teorias e explicações – tudo enfim, que for útil para as investigações que realiza”. (SIQUEIRA, 2006, p. 06).



Em Paulo Freire encontramos o ensino pautado em uma concepção metodológica dialética baseada em um tema gerador, que parte da realidade do aluno para a sistematização do conhecimento numa perspectiva de construir o fazer-pensar baseado na prática-teoria-prática. Freire (1975) afirma que a prática do “educador humanista-revolucionário” se acentua quando “colocar ao povo, através de certas contradições básicas, sua situação existencial, concreta, presente, como problema que desafia e, fazendo-o, lhe exige uma resposta, não a um nível intelectual, mas ao nível da ação” (p. 115). Portanto, trabalhar com um tema gerador traz para a comunidade escolar um problema presente que envolve apreensão da realidade, motiva a análise, a sistematização e provoca o diálogo e a busca por respostas.

Quando falamos em tema gerador estamos falando em temas que podem se desdobrar em outros subtemas, em eixos temáticos, ou seja, são questões desafiadoras da nossa prática social. Conhecer de forma analítica os assuntos da realidade criam uma rede de subtemas e geram interdisciplinarmente a busca e o aprofundamento da temática, apontando para o que o ser humano tem de mais fundamental: a criatividade, o movimento, mudança e o desenvolvimento do conhecimento elaborado.

O trabalho interdisciplinar através de um tema gerador pode ser o ponto de partida para atividades significativas. Para Paulo Freire, projetos interdisciplinares transformam o desempenho de educadores e de educando porque "tanto educadores quanto educandos envolvidos numa pesquisa, não serão mais os mesmos. Os resultados devem implicar em mais qualidade de vida, devem ser indicativos de mais cidadania, de mais participação nas decisões da vida cotidiana e da vida social. Devem, enfim, alimentar o sonho possível e a utopia necessária para uma nova lógica de vida". (Freire, 1975).

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais - Ensino Médio (PCNEM), “a interdisciplinaridade deve ir além da mera justaposição de disciplinas e, ao mesmo tempo, evitar a diluição delas em generalidades”. O movimento interdisciplinar surgiu na época de 1970, sofreu transformação na década de 80 e a partir de 1990 é que realmente veio a se tornar o que hoje conhecemos como interdisciplinaridade. Há controvérsias em relação às práticas contextualizadas e práticas interdisciplinares. Talvez pela falta de conhecimento do assunto e até mesmo da forma correta de se escrever a palavra “interdisciplinaridade”. Segundo Fazenda:

(...) A necessidade de conceituar, de explicitar fazia-se presente por vários motivos: interdisciplinaridade era uma palavra difícil de ser

pronunciada e, mais ainda, de ser decifrada. Certamente que antes de ser decifrada precisava ser traduzida se não se chegava a um acordo sobre a forma correta de escrita, menor acordo havia sobre o significado e a repercussão dessa palavra que ao surgir anunciava a necessidade de construção de um novo paradigma de ciência, de conhecimento, e a elaboração de um novo projeto de educação, de escola e de vida. (FAZENDA, 2008, p. 18).

Saber identificar interdisciplinaridade da contextualização foi outro dilema encontrado. Para os PCNs a “Interdisciplinaridade e Contextualização são recursos complementares para ampliar as inúmeras possibilidades de interação entre disciplinas e entre as áreas nas quais disciplinas venham a ser agrupadas. Juntas, elas se comparam a um trançado cujos fios estão dados, mas cujo resultado final pode ter infinitos padrões de entrelaçamento e muitas alternativas para combinar cores e texturas”. (P. 84). Na contextualização não há participação de outras disciplinas, ainda com os PCNs: “A contextualização visa a dar significado ao conhecimento escolar, ao evocar áreas, âmbitos ou dimensões presentes na vida pessoal, social e cultural, mobilizando competências cognitivas já adquiridas”. (PCNEM, 1999, p. 91). Nesse caso, o aluno estabelece relações entre o que aprende na escola com as situações que vivencia socialmente e dá significados ao que aprende à medida que estabelece essas relações.

Na contextualização ocorre a ampliação dos conhecimentos pelo aluno e não necessita de outra disciplina para auxiliar a compreensão - característica da interdisciplinaridade. A interdisciplinaridade precisa dialogar com outras disciplinas. A interdisciplinaridade pode facilitar a prática contextualizada, quando, ao analisar um problema, sob vários pontos de vista, possibilita que se selecionem conteúdos relacionados à vida da comunidade na qual o aluno está inserido, criando assim, elementos que possibilitem ao aluno intervir na realidade da comunidade. O tema gerador surge então, do conhecimento e da atuação do aluno dentro da realidade em que convive, levando-o a estabelecer as conexões entre o aprendizado obtido em sala de aula e suas vivências sociais.

## 2.2 A Educação Física e o tema gerador

*Em estreito contato com o outro e atados ao mundo, vamos nos constituindo enquanto sujeitos. Nosso corpo, portanto, encontra-se normalmente em constante troca com o outro; estamos envolvidos na mesma carne; essa troca e esse envolvimento vão alimentando nossa existência. Nossos corpos, em sua porosidade vão absorvendo as nuances do outro e refazendo-se constantemente. Sem essa dinâmica, não poderíamos nos tornar seres autônomos, protagonistas, em conjunto com o mundo e com o outro. (Rosie Marie Nascimento Medeiros, 2008).*

Em estreito contato, é assim que se trabalha dentro de um contexto interdisciplinar. O movimento interdisciplinar sugere que façamos um trabalho coletivo, dessa forma, “*Em estreito contato com o outro e atados ao mundo, vamos nos constituindo enquanto sujeitos*” (MEDEIROS, 2008). De acordo com Fazenda (1979), o movimento interdisciplinar “Surge como crítica a uma educação por “migalhas”, como meio de romper o encasulamento da Universidade e incorporá-la à vida, uma vez que a torna inovadora ao invés de mantenedora de tradições”. (FAZENDA, 1979, P.73). Esse processo que se iniciou em 1970, segundo Fazenda, se inicia com a “busca de uma explicação filosófica”. No ano de 1980 a autora afirma que houve a “busca de uma diretriz sociológica” e por fim ela coloca o ano de 1990 como um período em que se está “em busca de um projeto antropológico” (Fazenda, 2005, p. 17). Surgido como um movimento contrário ao capitalismo epistemológico de algumas ciências e “às organizações curriculares que evidenciavam a excessiva especialização e a toda e qualquer proposta de conhecimento que incitava o olhar do aluno numa única, restrita e limitada direção, a essa ‘patologia do saber’”. (Fazenda, p. 19), entende-se a patologia do saber, segundo Japiassú, como uma agonia da nossa civilização.

E, apesar de já ter passado mais de cinquenta anos, a interdisciplinaridade ainda é pouco entendida pelos profissionais da educação. Ocorre, na maioria das vezes, sobreposições de questões diversificadas e sem relações concretas entre si e alheia ao

contexto ou aos aspectos do cotidiano do indivíduo. Para Carlos (p. 27) “Uma verdadeira ciência, seja qual for, não pode constituir-se isoladamente e manter-se em um egoísmo epistemológico à margem da comunidade interdisciplinar do saber e da ação”. Sendo assim, a aprendizagem motivadora requer a integração dos diferentes conhecimentos.

Construir um novo paradigma, romper com métodos tradicionais ultrapassados não é um caminho fácil de percorrer. Santomé (1998) afirma que “Normalmente, o fácil foi sempre continuar com a tradição, com o conformismo intelectual; a inovação teórica, conceitual ou metodológica costuma ser vista como ameaça”. (P. 59). O universo das disciplinas não pode deixar de existir para que haja interdisciplinaridade, a riqueza da interdisciplinaridade depende do grau de desenvolvimento e do apoio das disciplinas, que serão afetadas de forma positiva por sua participação e colaboração, para assim, podermos ter uma educação tecida no corpo:

Assim, nossas relações são construídas a partir das trocas que estabelecemos cada dia, cada minuto, a partir de cada movimento que lanço meu corpo no mundo e a partir das relações humanas que são produtoras de conhecimento. O conhecimento é construído nessa relação, ele não está dado, ele é, sim, experiência do corpo com os objetos, com o mundo, com o outro. Não aquele outro, que apenas é útil para mim, mas esse outro que faz parte de minha carne, que nos evidencia constantemente que estamos vivos no mundo. (Medeiros, 2008, p. 140).

E nesse mundo de trocas, de aprendizagem e ensinamento, de participação ativa, desponta a disciplina de Educação Física. As atividades relativas à prática de Educação física encontram incontáveis obstáculos que são enfrentados pelos professores, como a falta de material para o desenvolvimento das aulas, pouco interesse dos alunos em desenvolver as tarefas, ambientes pouco adequados e muitos outros problemas. Mesmo assim, o educador segue mostrando sua capacidade educacional, orientado pelo saber pedagógico.

As aulas de Educação Física começaram a ser ministrada na escola por instrutores físicos do exército, e o método de ensino era todo pautado nos ensinamentos físicos militares. Com as mudanças sociais ocorridas no campo do trabalho, no decorrer da história, a Educação Física foi se moldando de acordo com cada momento, até ser implementada no espaço escolar. No livro *Coletivo de Autores*, encontramos a seguinte afirmação:

Sendo assim, práticas pedagógicas como a Educação Física foram pensadas e postas em ação, uma vez que correspondiam aos interesses

da classe social hegemônica naquele período histórico, ou seja, a classe social que dirige política, intelectual e moralmente a nova sociedade (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 35).

No ano de 1939 foi quando surgiu “a primeira escola civil de formação de professores de Educação Física” (Brasil, Decreto-lei nº91212, de 17 de abril de 1939). A prática de Educação física tinha como função o desenvolvimento e o fortalecimento físico e moral dos indivíduos. Havia o conceito generalizado de que, as atividades físicas proporcionavam saúde, dessa forma, seus praticantes estariam mais capacitados para desenvolverem atividades relacionadas às suas funções dentro das indústrias que invadiam o mundo.

Diante desse quadro, percebe-se que a prática escolar da Educação Física decorre de fatos recentes, e sua base provém da necessidade de incrementar o desenvolvimento econômico. Por isso, existia a concepção da existência de esporte “não o esporte da escola mas sim o esporte na escola”. (Coletivo de Autores, p. 37). Esse quadro está modificado e a Educação Física, atualmente, exerce grande influência no desenvolvimento pedagógico de construção do conhecimento, e pode oferecer muito mais contribuição se for pensada dentro de um projeto interdisciplinar. González analisa que: “Nessa linha, a EF escolar, na condição de disciplina, tem como finalidade formar indivíduos dotados de capacidade crítica em condições de agir autonomamente na esfera da cultura corporal de movimento e auxiliar na formação de sujeitos políticos, munindo-os de ferramentas que auxiliem no exercício da cidadania”. (P. 03).

Pelo fato de a Educação Física agregar valores sociais e culturais, dentro do movimento corporal, tem a capacidade de agregar temas que contemplem as demais disciplinas de forma ampla. A Educação Física escolar possibilita um trabalho de criação, movimento, mudança e de desenvolvimento de atitudes corporais e sociais ao apontar o caminho a ser percorrido, de forma elaborada com as demais disciplinas no âmbito das ciências, de forma a construir e reconstruir saberes teórico-metodológicos, com conteúdos significativos no qual o indivíduo atue em sua prática social e que venha nela interferir e transformar. Para Fazenda (1979): “A possibilidade de “situar-se” no mundo de hoje, de compreender e criticar as inúmeras informações que nos agridem cotidianamente, só pode acontecer na superação das barreiras existentes entre as disciplinas. A preocupação com a verdade de cada disciplina seria substituída pela verdade do homem enquanto ser no mundo”. (P. 75). Os objetos com os quais a educação física trabalha facilitam na superação das barreiras entre as disciplinas.

A educação física, para o Coletivo de autores, “ é compreendida como uma disciplina do currículo, cujo objeto de estudo é a expressão corporal como linguagem” (p. 73). Sendo assim, a educação física é uma prática pedagógica que compreende atividades expressivas corporais tais como “jogo, esporte, dança, ginásticas, formas estas que se configuram uma área de conhecimento que podemos chamar de cultura corporal” (Coletivo de Autores, p. 73). E mais adiante, eles afirmam que:

O homem se apropria da cultura corporal dispondo sua intencionalidade para o lúdico, o artístico, o agonístico, o estético ou outros, que são representações, ideias, conceitos produzidos pela consciência social e que chamaremos de "significações objetivas". Em face delas, ele desenvolve um "sentido pessoal" que exprime sua subjetividade e relaciona as significações objetivas com a realidade da sua própria vida, do seu mundo e das suas motivações. (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 41).

Sendo assim, os condicionamentos impostos pela sociedade são facilmente identificados pelos temas da cultura corporal, por isso, os seus significados quando trabalhados dentro do ambiente escolar devem expressar “dialeticamente, a intencionalidade/objetivos do homem e as intenções objetivos da sociedade”. (Idem, p. 42). Dessa forma, ao escolher um tema para o trabalho interdisciplinar, a disciplina de educação pode subsidiar os projetos educacionais de maneira acentuada.

O tema gerador se constitui em um ponto de partida para a construção de toda atividade significativa e devem contemplar as vivências do indivíduo, suas contradições, situações limites, “conjunto de ideias, de concepções, esperanças, valores, dúvidas, valores, desafios, em interação dialética com os seus contrários” (Freire, 1975). Implica na integração dos diferentes conhecimentos, por criar condições necessárias a uma aprendizagem motivadora. Ao permitir que os alunos possam vivenciar uma aprendizagem significativa, cria-se um referencial que permite aos alunos identificar e se identificar com as questões propostas, dessa forma, o aluno se sentirá capaz de intervir em sua realidade de forma autônoma e consciente.

A LDBEN (Lei de Diretrizes e Bases do Ensino Médio, em seu artigo 26 §3º da Lei 9.394/96) enfatiza que “A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos”. (LDBEN, 1996). Diante disso, os currículos elaborados pelas escolas devem respeitar as práticas corporais como sendo um conjunto de saberes, porquanto, deve existir o diálogo das

práticas corporais com outras disciplinas como forma de apreender e intervir na realidade social.

Um tema gerador selecionado a partir dos significados lúdicos, artísticos, competitivos, agonísticos e estéticos, objetos de ensino da educação física, estão presentes nas mais diversas atividades humanas. Podemos encontrar o significado artístico nas formas de Arte, na política e nas relações de trabalho nos deparamos com o significado competitivo, e o significado agonístico pode ser encontrado nas ciências. Nascimento pontua que: “Desse modo, é preciso em primeiro lugar *explicar* os conteúdos objetivos de cada uma dessas significações, revelar o conteúdo das relações sociais que estão objetivadas nelas. Em segundo lugar, é preciso mostrar as relações específicas e os conteúdos específicos dessas significações gerais em relação às atividades da cultura corporal” (NASCIMENTO, 2014, p. 262). Assim, os alunos se tornarão mais capacitados para entender o engendrado da vida.

No entanto, é preciso muito mais do que explicar e mostrar. É preciso vivenciar, interagir, planejar o conhecimento. Ainda com Nascimento:

As capacidades criadoras materializadas nos objetos das atividades da cultura corporal, como materialização de *relações humanas* historicamente produzidas pelo homem na sua relação com as ações corporais, não são acessíveis aos sujeitos em suas formas mais desenvolvidas apenas mediante uma relação direta com tais objetos. Não basta “jogar”, “dançar”, “lutar” para que um sujeito efetivamente se aproprie das máximas possibilidades contidas nessas atividades, ao menos não para a maioria de nós em nossas atuais circunstâncias. (NASCIMENTO, 2014, p. 271).

As capacidades criadoras em um ambiente escolar dinâmico possibilitam promover uma nova forma de trabalhar o conhecimento. Os conteúdos organizados a partir de temas geradores problematizadores e condizentes com a compreensão intelectual do aluno geram aprendizagens consistentes e sólidas. Por meio das atividades corporais podemos criar temas geradores inovadores, destarte, “elas poderiam se constituir em *disparadores* para elaborarmos questões relativas ao *modo de organização da atividade de ensino com as atividades da cultura corporal*. Isto porque elas foram gestadas como análises de dentro da seara da atividade pedagógica. (Nascimento, 2014, p. 281). A cultural corporal desempenha um papel relevante quanto à seleção de um tema gerador para o trabalho interdisciplinar, no campo educacional.

A escolha do tema gerador deve ocorrer de forma coletiva, com a participação de professores e alunos, através de discussões que levem em conta a interpretação e a inter-relação das situações pretendidas. Segundo Azevedo (2007, p. 266):

Na construção do programa curricular, o tema gerador tem a grande função de produzir mais e mais temas que deverão se entrelaçar, produzindo eixos temáticos que deverão contemplar: a visão de cada área do conhecimento; os fatores cognitivos, afetivos, sociais e psicológicos; a realidade e as situações significativas: fator principal na construção de um programa e seleção dos conteúdos; privilegiar a metodologia dialógica; o conhecimento acumulado e o conhecimento construído e reconstruído. Com os eixos temáticos contemplados, os temas geradores necessitam ser trabalhados por meio de três grandes momentos:

**Primeiro:** perceber as relações existentes entre os temas; relacionar os conteúdos para compreender a realidade; desdobrar os conteúdos propostos em outros.

**Segundo:** selecionar os conteúdos, analisando-os de forma interativa; inter-relacionar conhecimentos, buscando conexões com a realidade proposta.

**Terceiro:** seriar os conteúdos, definindo a profundidade de sua abordagem em cada série/turma/módulo; registrar o programa a ser composto e recomposto; trabalhar de forma coletiva, contínua, sistemática e reflexiva. (AZEVEDO ET AL, 2007, p. 266).

Constatamos pelo exposto que os temas geradores assumem um papel desafiante ao propor temas que enunciem situações problemáticas significativas, expressam uma nova relação entre currículo, a escola e a comunidade por provocar reflexões sobre a realidade local e global e permitem a criação de novos conhecimentos sob um olhar crítico e de forma interativa sobre a realidade local, global, social e cultural.



### 2.3 A Interdisciplinaridade e os Professores

Questões interdisciplinares estão sendo discutidas em diversos encontros de professores. Com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da educação (LDB) a interdisciplinaridade veio a se tornar uma orientação dentro dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Já se passaram mais de duas décadas e a interdisciplinaridade continua desconhecida para muitos educadores ativos. Pensando nisso, perguntei para alguns professores as seguintes indagações:

1. Qual o conhecimento que você tem acerca da interdisciplinaridade?
2. Já participou de alguma prática interdisciplinar? Comente.
3. Tem pretensão de elaborar projetos interdisciplinares?

O professor 1 respondeu que interdisciplinaridade é um trabalho em conjunto de diversas áreas do conhecimento, que já tinha feito um trabalho interdisciplinar, mas não entrou em detalhes. Em relação à questão 3, o professor falou estava elaborando um projeto com o tema “Meio Ambiente” em conjunto com as disciplinas de Geografia, História e Filosofia. Percebe-se que a opinião do educador não vê a interdisciplinaridade como um trabalho unificado, e sim em conjunto, ou seja, associado, porém, independente. Transpareceu que a elaboração das atividades tenham sido em separado, apenas o tema foi único para todos, e cada um trabalhou à sua maneira.

Para que houvesse um trabalho de cunho interdisciplinar, caberiam aos professores em questão, discutir o tema e compreender que a ação:

É um processo de desestruturação situacional do prévio, do possuído e do conhecido, para buscar uma nova estruturação do pensamento. É necessária a passagem do pensamento linear lógico-formal para o pensamento dialético, em que se efetivem: as contradições dos fenômenos; as relações múltiplas dos saberes; a problematização da rivalidade; a busca pela integração do pensar mais fazer e/ou fazer + pensar; o processo contínuo de ação – reflexão – ação; a superação da dependência, da passividade e da rivalidade; a autonomia, a ação reflexiva e a cooperação. (AZEVEDO, 2007, p.260)

Esse seria a forma adequada de se produzir um projeto dentro dos parâmetros interdisciplinares.

O professor 2 respondeu que a interdisciplinaridade se constitui em trabalhar os temas transversais, como exemplo citou a averiguação da frequência cardíaca efetuada nas aulas práticas. Afirmou ter trabalhado de forma interdisciplinar com a disciplina de Biologia. Quanto a pretensão de elaborar projetos interdisciplinares falou que pretende pelo fato de as aulas se tornarem mais dinâmicas. Neste caso, pode-se perceber que houve uma atividade contextualizada sobre a questão cardíaca e as disciplinas de Educação Física (professor 2) e Biologia averiguaram como estavam a PA dos seus alunos. Como vemos, está muito distante do conceito de interdisciplinaridade.

Conforme Azevedo não basta apenas unificar o conhecimento, “Nesse sentido, a ideia do trabalho interdisciplinar não passa pela unificação dos conhecimentos e saberes, mas pela busca incessante de troca entre eles, e é nessa construção do saber que a interdisciplinaridade se solidifica de fato, e não nos momentos posteriores, quando se buscam os saberes instituídos para organizá-los”. (Azevedo et al, p.267). Portanto, para que a proposta educacional perfaça resultados de cunho interdisciplinares é necessário que os educadores se debruçam sobre o tema gerador e criem elementos para a troca de conhecimentos e de saberes entre as disciplinas.

O professor 3 afirmou que “Quando se trabalha sob a perspectiva interdisciplinar todos saem ganhando. Só há ganhos. É riquíssimo o trabalho, e muito interessante. Nunca trabalhei desse modo, mas li a respeito e achei muito interessante”. Estamos diante de um professor que busca informações, embora não ponha em prática o apreendido, este é mais um dilema da educação, o estreitamento entre teoria e prática. Pelo menos, o nosso professor está buscando compreender que:

A escola estabelece relações com outros lugares em que os humanos produzem suas culturas – nas ruas, nas praças, nos pertencimentos religiosos, na política, nas tantas manifestações artísticas, por exemplo. Nem poderia ser de outro modo, se compreendemos a escola como uma instituição envolvida nas práticas sociais. É preciso, no entanto, problematizar estas relações. Elas podem ser de adesão e/ou de recusa, mas nunca de indiferença. André Petitat ajuda a entender que a escola produz a sociedade na mesma medida e intensidade com que é por ela produzida. As relações entre as práticas escolares e as outras práticas sociais assume um caráter que não é nem o de reprodução pura e simples nem tampouco o de oposição: trata-se de uma relação de *tensão permanente* entre elas. (SANTOS, 2010, p. 314).

Supõe-se que o professor se sente inquieto diante de uma escola fragmentada, sem vida, e nessa sua inquietação, já começa a perceber que há outras formas de se trabalhar a educação e que elas podem melhorar a aquisição do conhecimento e enriquecer o trabalho do educador. Um projeto interdisciplinar requer busca constante. Segunda Fazenda (2008), “uma atitude interdisciplinar se identifica pela ousadia da busca, da pesquisa, da transformação” (p. 88), o caráter interdisciplinar exige dos envolvidos a prática constante do pensar, do questionar e do construir e da ação. Ainda citando Fazenda (2008) quando afirma que “A pesquisa interdisciplinar exige, portanto, a busca da marca pessoal de cada pesquisador – a busca de sua “marca registrada”. (P. 116). É a partir do nosso conhecimento interior que passamos a ter consciência de como nós representamos, e ao nos reconhecermos, conhecemos o outro.

A professora 4 falou que já havia trabalhado de forma interdisciplinar em uma escola particular e que os resultados foram muito satisfatórios, a aprendizagem dos alunos superava os índices a cada ano, os alunos sentiam-se muito motivados para aprender, no entanto, o trabalho era feito em blocos de disciplinas, ou seja, de acordo com a divisão de áreas dos exames de acesso à universidade. Constata-se que o trabalho feito por meio de projetos interdisciplinares atende aos anseios de educando e educadores, conforme o relato da professora 4.

Uma prática interdisciplinar consistente deverá primar pela formação de um ser uno em suas várias dimensões, porque:

Assim, a construção de práticas pedagógicas interdisciplinares passa pelos seguintes aspectos: professor resgatando os aspectos da reconstrução profissional e pessoal; construção de eixos temáticos que nortearão o trabalho pedagógico no aspecto teórico-prático; eixos temáticos articulando os diferentes saberes pela interconexão dos professores com os outros; especificidade de cada ciência resgatando seus construtos; construção de novos construtos/saberes que retratem a gênese de novos conhecimentos, frutos do trabalho que prima pela diferença e criação; profissionais competentes quando aprofundarem e operacionalizarem pressupostos epistemológicos e metodológicos na relação profissional, na realidade escolar e com o conhecimento; interconexões entre homem-ciência-mundo num pano de fundo científico que abordará a educação em novas oportunidades de teorizar a ação; cursos de formação continuada tendo a clareza sobre a função formativa e as reais necessidades formativas dos sujeitos envolvidos, construindo e exigindo uma postura crítico-reflexiva das práticas exercidas dos professores, possibilitando a reconstrução

sistemática da identidade do professor. (AZEVEDO ET AL, 2007 p. 268/269).

A inquietação maior quanto ao trabalho interdisciplinar é o conhecimento dele pelos professores. Dentro de uma perspectiva educacional ampla, o ensino em sala de aula terá mudanças positivas quando se adequar aos clamores educacionais que os avanços na sociedade exigem. O sistema educacional só poderá se efetivar se os educadores assumirem novas posturas, buscar se atualizar sempre e incessantemente, e, principalmente, tendo como foco um trabalho com bases unificadas, independentes e conectadas com o prazer de ensinar para facilitar e incentivar o prazer de aprender.

E assim, uma proposta de curso para os professores, por meio das ferramentas de EAD (Educação a Distância) pode ser uma sugestão de amenizar a deficiência docente para lidar com conteúdos interdisciplinares.

O professor-aluno, em um curso à distância, está todo o tempo interagindo com o meio tecnológico, envolvido com pessoas que também estão aprendendo e com outras que já dominam os recursos tecnológicos, assim, a troca de conhecimentos contribuirá para o desenvolvimento individual e coletivo do grupo em questão, dessa forma, a interdisciplinaridade toma corpo quando o professor-aluno começa a utilizar os equipamentos e as ferramentas tecnológicas e poderá proporcionar a sensibilização do educador, quanto a sua prática em sala de aula, criar uma mente indagadora quanto às atividades educacionais mecânicas e levá-lo a mudança de uma postura individualista para uma postura de coletividade, de troca de informações.

A proposta de um curso de atualização para professores que se apoia na interdisciplinaridade terá um efeito rápido e seguro se aplicado de forma restrita a um grupo que trabalhe em um mesmo local, de preferência deve ser dirigida a professores de uma mesma escola, ou no máximo, abrangendo escolas de um só bairro, porque o ambiente escolar, tais como os alunos, a família dos alunos e o ambiente do bairro devem ser levados em conta na hora do planejamento dos conteúdos, afinal, trabalhar de forma interdisciplinar é uma ação pedagógica de planejamento, de criação e incentivadora de uma prática competente e comprometida com o aluno, por ser ele o centro do processo de aprendizagem, por isso, não se deve ignorar o contexto em que o aluno vive.

A execução dessa modalidade de curso deve acontecer durante todo o ano letivo, com o professor exercendo sua função em sala de aula, para que ele possa contribuir com a construção dos conteúdos, pois estes não podem ser alheios à prática

didática do educador e dos educandos, assim, os acertos podem ser reforçados e os erros corrigidos, para que, ao final do curso, seja apresentada uma proposta real de um trabalho interdisciplinar.

A proposta do curso apresentada para os professores é pautada dentro do subjetivismo da educação do ensino brasileiro. Nossa reflexão aponta para uma tendência subjetivista, baseada no construtivismo e na compreensão fenomênica do real, evidenciando a responsabilização dos professores pelos rumos da educação. Entende-se por subjetivismo o modo de pensar, a intenção do indivíduo, a ação e a consciência dos seus atos, são subjetivos porque são inerentes a cada indivíduo.

Por ser um tema pouco explorado dentro do contexto educacional brasileiro e em processo evolutivo, a interdisciplinaridade requer a contribuição dos professores, para que possa vir a ter um papel objetivo de ensino e aprendizagem. Para a Secretaria de Educação a Distância do MEC – SEED, o trabalho criativo desenvolvido em parceria entre professores e estudantes, tende a desenvolver um envolvimento emocional capaz de transformar a árdua tarefa de aprender em uma atividade prazerosa. Como resultado disso tudo, a qualidade da educação se eleva e a escola passa a ser um espaço de pesquisa, melhorando também o seu papel de formadora de cidadãos críticos e conscientes.

### CAPÍTULO III

E para finalizar...

### 3.1. Conclusão

*O homem vai atingindo o conhecimento de si na medida em que se revela. Esse conhecimento de si cresce na medida em que o homem procura conhecer o outro e esse conhecimento do outro só ocorre quando existe uma perfeita identificação entre o eu e o outro, ou seja, o homem só se realiza, só se conhece no “encontro” com o outro. (Ivani Fazenda)*

O conhecimento da interdisciplinaridade propicia alterações na forma de conduzir o saber pedagógico, *na medida em que se revela* o potencial que temos ao elaborarmos o conhecimento. Educadores que adotam práticas interdisciplinares alteram sensivelmente o seu modo de perceber a condução das atividades em sala de aula. Automaticamente passam a ver que a educação não pode se restringir a quatro paredes, que há um mundo lá fora cheio de elementos construtores do conhecimento e que podem ser utilizados para facilitar o entendimento de mundo e do crescimento do indivíduo como cidadão participante das diretrizes sociais na comunidade e no mundo das ciências. Toda prática interdisciplinar impõe uma ação interdisciplinar, e “Executar uma tarefa interdisciplinar pressupõe antes de mais nada um ato de perceber-se interdisciplinar”. (Fazenda, p.77). Esta poderia ser a via que conduziria a uma educação ideal.

A relação educador/educando criam laços fortes através da interdisciplinaridade, o aluno passa a ver o professor como um condutor consciente das tarefas pedagógicas, não sendo mais necessário tentar impor uma disciplina, porque:

Numa sala de aula interdisciplinar a autoridade é conquistada, enquanto na outra é simplesmente outorgada. Numa sala de aula interdisciplinar a obrigação é alternada pela satisfação; a arrogância, pela humildade; a solidão, pela cooperação; a especialização, pela generalidade; o grupo homogêneo, pelo heterogêneo; a reprodução, pela produção do conhecimento. (FAZENDA, 2008, p. 86).

Não se faz mais necessário a promessa de notas para realizar as atividades, todos têm o compromisso com a aprendizagem, quem ensina e quem aprende intenta percorrer o mesmo caminho, o que leva a autonomia e a aquisição do conhecimento de forma prazerosa e consistente. Fazenda conclui “que a interdisciplinaridade decorre mais do encontro entre indivíduos do que entre disciplinas”. (P. 86). Portanto, temos a obrigação de conhecer, divulgar e mostrar para nossos professores os benefícios e os avanços que a interdisciplinaridade pode trazer para a educação. Dentro desse conceito, a metodologia usada seria aquela com a qual o professor se sentisse mais seguro, conquanto que a metodologia escolhida carregue em si os parâmetros da interdisciplinaridade.

O novo assusta, sair da zona de conforto é dolorido, todavia, quando intentamos conhecer o que nos é pouco familiar, pelo menos aprendemos o que não fazer. Sabemos que “A implementação de uma ação interdisciplinar implica, então: perda da acomodação; lançar-se ao novo; reformulação da estrutura de ensino das diferentes disciplinas; transformação do trabalho pedagógico; novos encaminhamentos na área de formação de professores”. (Azevedo et al, p. 268). Novos caminhos a serem percorridos exigem coragem e determinação, mas é um caminho sem volta, quem percorre pelos caminhos da interdisciplinaridade, dificilmente voltará a praticar uma educação de migalhas.

Procurar conhecer mais sobre a interdisciplinaridade, colocar em prática projetos interdisciplinares, certamente vai proporcionar métodos de como atuar em todas as situações pedagógicas, o professor sentirá que o processo pedagógico não pode está à margem da pesquisa, da busca incessante pelo conhecimento, mesmo correndo o risco de errar, e a partir dos erros procurar acertar. Fazenda afirma que: “O homem está no mundo, e pelo próprio fato de estar no mundo, ser agente e sujeito do próprio mundo, e deste mundo ser *Múltiplo* e não *Uno*, torna-se necessário que o homem o conheça em suas múltiplas e variadas formas, para que possa compreendê-lo e modificá-lo”. (Fazenda, 1979, p. 81). Isso é compromisso com a educação. Isso é ser um educador de corpo e alma. É adotar uma postura pedagógica de inclusão e não de exclusão.

Por ser a escola um contexto social de suma importância, é necessário que o trabalho metodológico seja pautado no diálogo e na pesquisa, só assim o professor poderá se tornar o próprio sujeito de sua ação docente, só assim o educador será capaz de ser pesquisador e investigador do seu trabalho. Para Fazenda:



A pesquisa interdisciplinar tem como principal mérito a superação do dualismo: pesquisa teórica *versus* pesquisa prática, em favor de um tipo que Japiassú intitula “orientada”. A pretensão não é entrar na análise desse tipo de pesquisa, mas salientar que nos empreendimentos interdisciplinares não é mais possível separar o conhecimento da prática. Há uma interdependência profunda entre ambos, uma reciprocidade, ou mesmo uma relação dialética de auto implicação. (FAZENDA, 1979, p. 78).

Portanto, já não cabe a separação entre o teórico e o prático, há sim espaço para a construção e reconstrução de saberes, o que possibilitará alargamento do campo do conhecimento e o aprimoramento dos sujeitos envolvidos. Dessa forma, o professor poderá contribuir com o processo de elaboração de projetos interdisciplinares numa situação de coprodutor e com responsabilidade pedagógica.

O campo de conhecimento da Educação Física Escolar associado ao tema gerador poderá potencializar o entendimento das questões sociopolítica e cultural. González pontua a seguinte assertiva:

Entendemos que a EF deve ocupar-se dos conhecimentos referidos: a) às possibilidades do se movimentar dos seres humanos; b) às práticas corporais sistematizadas vinculadas ao campo do lazer e à promoção da saúde; e c) às estruturas e representações sociais que atravessam esse universo. Essas três dimensões, se bem vinculadas, são constituídas de tipos diferentes de conhecimentos, o que tem dificultado encontrar/construir uma expressão conceitualmente precisa para denominá-las, apesar de diversos intentos. (GONZÁLEZ ET AL, 2010, p. 4).

Conhecer o campo de trabalho onde se está inserido facilita a produção de ações pedagógicas sólidas. As práticas corporais atendem vários segmentos do saber, por serem habituais e fazerem parte das atividades humanas. As representações sociais tais como um evento esportivo internacional, eleições políticas de cunho nacional, local e do interior da escola demanda questionamentos que podem ser abordados por várias disciplinas sob a ótica da interdisciplinaridade. O movimento quer seja corporal quer seja da humanidade também oferecem um vasto campo de exploração do conhecimento, provocando interconexões de saberes e de conteúdo.

Construir um tema gerador partindo do conhecimento prévio do aluno configura-se em um ato de produção pensada entre todos, para evitar reproduzir vícios que

deturpem o objetivo do projeto interdisciplinar. Dentro do projeto das dimensões acima citadas, González orienta que:

Em contrapartida, o esforço da não reprodução não pode ser confundido pela ideia de restringir o conhecimento ensinado na EF àquilo que o professor, com base em seus valores e convicções ideológicas, acredita como mais adequado para um novo projeto de formação humana e social. Como já mencionado, o mundo em que o aluno deverá viver não pode ser antecipado desde a intervenção educativa. Resta ao projeto pedagógico fazer todo o possível para que o estudante entenda o mundo sociocultural como uma construção (plural, dinâmica, contraditória, conflitante) e que se coloque à altura dos problemas de seu tempo nessa área para, dessa forma, potencializar decisões mais lúcidas para atuar no mundo. (GONZÁLES ET AL, p. 9).

Nesse sentido, o contexto social no qual se encontra a escola abarca “inúmeras dimensões que devem ser valorizadas, respeitadas e trabalhadas, pois essas dimensões são frutos e se alimentam das relações estabelecidas entre as pessoas que compõem o ambiente escolar” (González et al, p. 262/263). São as dimensões social, física, temporal e psicológica/sociocultural e todas elas estão relacionadas com a comunidade escolar e com todas as pessoas que fazem parte da escola.

Na interdisciplinaridade o cotidiano escolar e a realidade social e histórica devem ser levados em conta ao se criar projetos de cunho interdisciplinar por respeito aos sujeitos envolvidos no contexto escolar. Fazendo afirma que: A interdisciplinaridade visa à recuperação da unidade humana através da passagem de uma subjetividade para uma intersubjetividade e, assim sendo, recupera a ideia primeira de Cultura (formação do homem total), o papel da escola (formação do homem inserido em sua realidade) e o papel do homem (agente das mudanças no mundo). (Fazenda, 1979, p. 82). Portanto, o processo de ensino e aprendizagem envolve aspectos relacionados ao conhecimento, como também à habilidade, à atitude e à conduta social dos alunos em suas diferentes manifestações, sempre considerando todo o contexto envolto pelo ambiente escolar.

Portanto, a interdisciplinaridade é um movimento que vem ganhando corpo nas três últimas décadas, tem sua importância por promover a articulação entre o ensinar e o aprender, sendo produzida como atitude tem a potencialidade de contribuir de forma prazerosa no trabalho dos educadores com perspectivas de ressignificar o

método de ensino, o currículo, o conteúdo ministrado, as avaliações e a postura dos educadores e o modo de se organizarem dentro do ambiente escolar frente aos seus colegas e aos educandos.

Concluimos que a interdisciplinaridade só poderá tomar corpo no meio escolar, quando os nossos professores tomarem consciência que o ensino “em migalhas” com conteúdos fragmentados já não corresponde aos anseios dos discentes dessa sociedade em crescentes mudanças. Caberá a cada um de nós, educadores e gestores, assumir uma nova postura diante do quadro educacional, reconstruindo nossos saberes e construindo um novo paradigma educacional, pautado no trabalho coletivo de professores, gestores e alunos, todos empenhados em conhecer mais, envolvidos com a pesquisa e com a descoberta de novos parâmetros para a educação, só assim, de forma audaciosa e sem medo do novo, é possível construir uma educação baseada na formação integral e com conteúdos metodológicos que favoreçam a inclusão do indivíduo. Então, a frente de tudo isso, estará estampando o perfil de um educador interdisciplinar.

## REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, Léa da Graças Camargos. ENSINAR, APRENDER, APREENDER E PROCESSOS DE ENSINAGEM.

\_\_\_\_\_. Desafios de um processo de profissionalização Continuada: elementos da teoria e da prática. Revista Saberes, UNERJ, ano 1, v. 1, maio/agosto 2000.

\_\_\_\_\_. Educação Superior e Preparação Pedagógica: elementos para um começo de conversa. Revista Saberes, UNERJ. Ano 2, v. 2, maio/agosto 2001.

Azevedo, M. A. R.; ANDRADE, M. F. R. O conhecimento em sala de aula: a organização do ensino numa perspectiva interdisciplinar. Educar, Curitiba, n. 30, p. 235-250, 2007. Editora UFPR.

AZEVEDO, Maria Antônia Ramos de; ANDRADE, Maria de Fátima Ramos de. O conhecimento em sala de aula: a organização do ensino numa perspectiva interdisciplinar. Educ. rev., Curitiba, n. 30, p. 235-250, 2007. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010440602007000200015&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010440602007000200015&lng=en&nrm=iso)>. access on 18 May 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40602007000200015>.

BIANCHETTI, Lucídio (Org.). Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito. Petrópolis: Vozes, 1995.

CAMPOS, Gilda Helena Bernardino de. ROQUE, Gianna Oliveira Bogossian. AMARAL, Sérgio Botelho. Dialética da Educação a Distância. Rio de Janeiro: Ed. PUC, 2007.

CARLOS, Jairo Gonçalves. Interdisciplinaridade no Ensino Médio: desafios e potencialidades. Disponível em: [http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/2961/1/2007\\_JairoGoncalvesCarlos.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/2961/1/2007_JairoGoncalvesCarlos.pdf) acesso 18/05/16

Coletivo de Autores. Metodologia do Ensino de Educação Física. Cortez: São Paulo, 1992.

CURY, Jamil. O DIREITO À EDUCAÇÃO: Um campo de atuação do gestor educacional na escola. In: <http://escoladegestores.mec.gov.br/site/8-biblioteca/pdf/jamilcury.pdf> acesso em: 07/06/2016.

FAZENDA, Ivani C. Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia. São Paulo: Edições Loyola, 1979.

\_\_\_\_\_. Interdisciplinaridade: História, teoria e pesquisa. Campinas, São Paulo: Papirus Editora, 2008

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes, (Org.). Práticas interdisciplinares na escola. 10ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2005. Integração das Tecnologias na Educação.

\_\_\_\_\_. O Que é interdisciplinaridade? / Ivani Fazenda (org.). —São Paulo: Cortez, 2008.

\_\_\_\_\_. Didática e Interdisciplinaridade. Ivani Fazenda (Org.). Campinas, São Paulo: Papirus Editora, 13ª ed. 2008.

FERREIRA, Naura Syria Carapeto. Gestão educacional e Organização do Trabalho Pedagógico. Curitiba: Iesol, 2007.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. S. Paulo: Paz e Terra, 1975

\_\_\_\_\_. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais. In: JANTSCH, Ari Paulo;

GADOTTI, Moacir. A organização do trabalho na escola: alguns pressupostos. São Paulo: Ática, 1993.

\_\_\_\_\_. Interdisciplinaridade: atitude e método. São Paulo: Instituto Paulo Freire. Disponível: <[www.paulofreire.org](http://www.paulofreire.org)>. Acesso em: 26 dez. 2006.

JAPIASSU, Hilton. Interdisciplinaridade e patologia do saber. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime. FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. ENTRE O “NÃO MAIS” E O “AINDA NÃO”: PENSANDO SAÍDAS DO NÃO LUGAR DA EF ESCOLAR II. Cadernos de Formação RBCE, p. 10-21, mar. 2010.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1994.

MEC. Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília, 1997.

MEDEIROS, Rosie Marie Nascimento de. Uma educação tecida no corpo. UFRN, 2008.

MENDONÇA, Erasto Fortes. Gestão democrática do ensino: luta e institucionalização. In: A regra e o jogo; democracia e patrimonialismo na educação brasileira. Campinas, SP: UNICAMP, 2000, p. 73-127.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. Verbetes interdisciplinaridade. Dicionário Interativo da Educação Brasileira - Educabrazil. São

- Paulo: Midiamix, 2001. Disponível em: <<http://www.educabrasil.com.br/interdisciplinaridade/>>. Acesso em: 18 de mai. 2016.
- Nascimento, Carolina Picchetti. A atividade pedagógica da educação física: a proposição dos objetos de ensino e o desenvolvimento das atividades da cultura corporal. Orientação Manoel Oriosvaldo de Moura . São Paulo: s.n., 2014. 293 p.
- Ministério da Educação. Linguagens, códigos e suas tecnologias / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 239 p. (Orientações curriculares para o ensino médio; volume 1)
- NÓBREGA, Terezinha Petrucia. Qual o lugar do corpo na educação? Notas sobre conhecimento, processos cognitivos e currículo. Educação e Sociedade, v. 26, n. 91, p. 599-615, ago. 2005.
- \_\_\_\_\_. Epistemologia, saberes e prática da educação física. Terezinha Petrucia Nóbrega (organizadora). João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2006.
- \_\_\_\_\_. De quantos anos precisa um artista para poder falar com sua própria voz? Notas, memórias e experiências com a educação de crianças. In: CAPISTRANO, Naire Jane; PONTES, Gilvânia (Org.). O ensino de educação física e arte na infância. Coleção Cotidiano Escolar, v. 4, n. 1. Natal: Paidéia, 2008.
- PALMER, Joy a. 50 Grandes Educadores Modernos - de Piaget a Paulo Freire. (Trad. Mirna Pinsky) São Paulo: contexto, 2006.
- <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/critico-instituicao-escolar> acesso 18/05/2016
- PERRENOUD, Philippe. Dez novas competências para uma nova profissão. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação Universidade de Genebra, Suíça, 2001. In Pátio. Revista pedagógica (Porto Alegre, Brasil), n° 17, Maio-Julho, pp. 8-12.
- \_\_\_\_\_ 10 Novas Competências para Ensinar. Porto Alegre: Editora Artmed, 2000.
- SANTOMÉ, Jurjo Torres. Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado. Trad. Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- SANTOS. Lucíola Licínio de Castro Paixão (Org.). Didática e prática de ensino. Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente /organização de Lucíola Licínio de Castro Paixão Santos [et al.]. – Belo Horizonte: Autêntica, 2010. 734p.
- SAVIANI, Dermeval. AS CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA. Texto elaborado no âmbito do projeto de pesquisa “O

espaço acadêmico da pedagogia no Brasil”, financiado pelo CNPq, para o “projeto 20 anos do Histedbr”. Campinas, 25 de agosto de 2005.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA (Org.). Integração das Tecnologias na Educação. Brasília: Ministério da Educação/SEED/TV Escola/Salto para o Futuro, 2005. Disponível em: <http://www.tvbrasil.org.br/saltoparaofuturo/livros.asp> Acesso em 19/08/2010.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA (Org.). Cultural Digital e Escola. Ano XX boletim 10 - agosto 2010. Brasília: Ministério da Educação/SEED/TV Escola/Salto para o Futuro, 2005. Disponível em: <http://www.tvbrasil.org.br/saltoparaofuturo/livros.asp> Acesso em 19/08/2010.

SILVA, Luiza Helena Oliveira da. PINTO, Francisco Neto Pereira INTERDISCIPLINARIDADE: AS PRÁTICAS POSSÍVEIS. Pinto. Revista Querubim – revista eletrônica de trabalhos científicos - Letras, Ciências Humanas e Ciências Sociais ISSN 1809-3264 Ano 5 2009.

SILVERMAN, Stephen J. THOMAS, Jerry R. NELSON, Jack K. Métodos de pesquisa em atividades físicas. Trad. Ricardo Demétrio de Souza Peterson. 6ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. Corpo, comunicação e cultura: a dança contemporânea em cena. Campinas, SP: Autores associados 2006 (Coleção educação física e esportes).

<http://revistaeducacao.uol.com.br/textos/100/artigo233361-1.asp>.

<http://www.cfn.org.br/wpcontent/uploads/2015/09/Oficina3Desafiosdotrabalhodocente-na-avaliacao-processual-Conteudo-utilizado-1.pdf> acesso em 09/11/2011

## ANEXOS





**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE**  
**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**  
**CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**MARIA JOSÉ DE OLIVEIRA SPINELLI**

**INTERDISCIPLINARIDADE, TEMA GERADOR E EDUCAÇÃO FÍSICA**

**NATAL-RN**

**2016**

## QUESTIONÁRIO

1. Qual o seu conhecimento sobre a metodologia interdisciplinar de atuação dos educadores?
2. Você já participou de alguma prática interdisciplinar?
3. Você tem pretensão de elaborar projetos interdisciplinares?